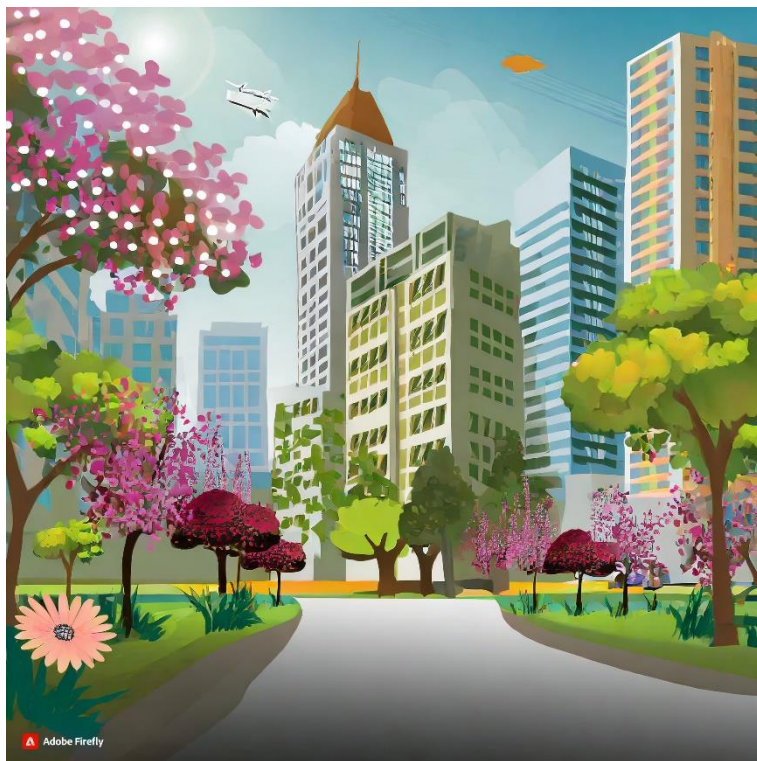


ADILSON MOTA

CIDADE ESPERANÇA



Conto de ficção

As informações aqui contidas foram baseadas na Doutrina Espírita e nas tecnologias do futuro em fase de estudos na atualidade.

2020

CIDADE ESPERANÇA

Sonho ou realidade?

De repente eu estava em um local desconhecido. Pensei: isto é um sonho lúcido? Eu morri? Será que estou visitando o mundo espiritual? Tudo era familiar e diferente ao mesmo tempo. Eu estava caminhando em uma larga avenida onde havia muitos veículos e pessoas passando. Suas roupas eram semelhantes às minhas, o ambiente era parecido com o que eu conhecia.

Resolvi parar alguém na rua e perguntar: Como se chama essa cidade? Em que ano estamos? Não sei por que fiz esta última pergunta. A jovem de cabelos pretos, de olhos meio puxados e muito bonita estranhou meus questionamentos, mas respondeu:

- Aqui é a Cidade Esperança. E citou um ano qualquer no futuro.

Apesar da resposta ter me intrigado, o olhar sincero e a voz firme não indicavam desonestidade. Acreditei que de alguma forma fui parar numa cidade qualquer, aqui na Terra, numa época bem à frente do meu tempo. Não sei qual a razão disso tudo, mas resolvi escrever a experiência para esclarecimento geral.

Agradei à jovem e resolvi aguçar a minha curiosidade para explorar o ambiente. Saí caminhando sem rumo definido. A caminhada era agradável, havia uma brisa suave e um cheiro de flores por toda parte. A calçada onde eu estava caminhando fazia parte de uma larga avenida arborizada e esteticamente ornamentada aqui e ali por jardins floridos que suavizavam o ambiente de concreto. Olhei para a rua, não era feita de asfalto.

Era pavimentada por um outro tipo de substância, mais clara que, percebi mais tarde, irradiava uma branda claridade que auxiliava na iluminação geral. Aliás, todos os prédios e construções irradiavam uma certa luminosidade, continham elementos biológicos na sua constituição, como me informaram depois. Além disso, regulavam a temperatura nas horas mais quentes ou mais frias. A energia básica que alimentava a cidade era a luz solar, além da energia elétrica utilizada em menor escala. Continuei a minha caminhada apreciando as paisagens daquela cidade que agora me parecia formidável. A avenida possuía largos espaços para pedestres que não precisavam disputar espaço com os veículos. Estes me chamaram muito a atenção. Não possuíam rodas, flutuavam a pequena altura do solo mantidos por força eletromagnética. Isso os deixavam mais ágeis e silenciosos, além de não emitirem poluentes, deixando as ruas sem cheiro de fumaça. Além disso, eram auto dirigíveis. Assim se podia transitar pela cidade sem estresse e apreciar o trajeto. A rua tornava-se um local agradável para estar. Bancos confortáveis aqui e ali, à sombra de alguma árvore ou marquise convidavam ao descanso e à apreciação das paisagens agradáveis formadas pela arquitetura inteligentemente integradas com a beleza e naturalidade dos jardins. Viam-se muitas fachadas recobertas por plantas ornamentais coloridas. Não sei ao certo por quanto tempo caminhei, sentei-me em um dos bancos na rua. Era macio e relaxante. Passei a observar a vestimenta das pessoas, percebi que basicamente possuíam o mesmo formato que a minha, com a diferença de que eu não estava na “moda”. Percebi do outro lado da rua o que parecia ser uma loja de roupas e fui até lá. Eu queria saber como se compravam as coisas ali, qual a moeda, quanto custava. Atravessar a rua foi fácil. Bastou pisar um pé na via destinada aos veículos e um sensor se “comunicou” com os

veículos que vinham em minha direção e estes pararam suavemente. Era uma lojinha muito atrativa. Tudo exalava um perfume agradável e relaxante. Olhei para cima, não havia lâmpadas no teto, nem nas paredes, mas tudo estava suficientemente iluminado. Mais tarde vim a saber que as biotecnologias eram bastante utilizadas em diversos setores, sendo a engenharia uma das suas aplicações. As paredes e o teto eram feitos de materiais inspirados na natureza. Tinham a capacidade de se refazer quando danificados ou gastos, como de se autoiluminar. Era a mesma tecnologia das ruas adaptada para ambientes internos. Fui atendido por um moço muito gentil. Inicialmente dei uma olhada em algumas “calças” e “camisas” e só depois perguntei ao atendente quanto custavam. Ele me olhou de olhos arregalados como a pensar: quem é este que me faz essa pergunta esdrúxula? Percebendo o seu constrangimento, pedi desculpas, me apresentei e lhe disse que eu era um viajante vindo do passado, que eu não estava familiarizado com os hábitos da cidade. Como se isso não fosse mais estranho ainda, ele fraternalmente se ofereceu para tirar algumas dúvidas minhas. Disse ele: - Na cidade Esperança não há moeda de troca. Todos produzem algo – produto ou serviço - que disponibilizam para os demais, da mesma forma que podem usufruir de tudo que é produzido pelos outros. - Não existem lucros nem salários, perguntei admirado? - Não. Aqui tudo é compartilhado. Médicos, padeiros, garis, administradores, publicitários, construtores, funcionários públicos, todos dão do que produzem e recebem em troca tudo que precisam.

- Quem produz mais, ganha mais?

- Os direitos de todos são iguais. Ganha mais quem produz tudo que pode, na medida de suas forças.

Intrigado, questionei: - Não há aqueles que usufruem mais do que precisam e produzem menos do que poderiam?

- Sempre há um ou outro que age dessa forma. Eles são conduzidos aos departamentos de correção e orientação para que compreendam a necessidade de colaborar e dividir. A maioria da população, porém, adquiriu a consciência necessária para viver solidariamente.

- E quanto àqueles que não podem trabalhar? Idosos, doentes, deficientes...

- Há sempre algo que se pode fazer, muito ou pouco. Entretanto, aqueles que nada podem produzir têm os mesmos direitos que os ativos, pois a sociedade deve prover às necessidades de todos.

- Quer dizer que não há mendigos ou moradores de rua?

- Há muito tempo eles não existem. Todos têm condições dignas de vida, pois entendemos que não somos proprietários das coisas, mas apenas usufrutuários.

Eu não quis abusar da afabilidade do moço, então para encerrar a minha visita ali, meio constrangido perguntei pelas roupas.

- Eu não sou daqui, teria eu direito a trocar as minhas roupas por novas?

- Sim, você pode. Aliás, você usou o verbo correto. Todos que vêm aqui buscar roupas novas, trazem as velhas que serão enviadas aos setores de reciclagem. E o gentil atendente passou a me explicar sobre as propriedades daquelas roupas. As roupas, disse ele, são confeccionadas com materiais de origem vegetal ou sintéticos, a partir de tecnologias que promovem bem-estar e conforto. Elas se ajustam ao corpo do usuário e mudam de cor conforme a temperatura ambiente, além de absorver o suor para não gerar odores desagradáveis e regular a temperatura do corpo.

Algumas possuem sistemas mais avançados de localização e de monitoração dos sinais vitais da pessoa. Todas possuem design simples sem acessórios desnecessários, pois aprendemos a importância da simplicidade, sem abrir mão da estética e do conforto. O atendente me indicou uma cabine onde eu pude me ver refletido em uma tela como se estivesse vestido pela nova roupa. Na realidade, na loja não existiam roupas prontas. O que eu via exposto eram imagens bastante realistas em grandes telas na parede. As imagens eram interativas, mudavam de cor, de tamanho ou formato a um simples toque e de acordo com o que eu pensasse. Feita a escolha eu pude provar virtualmente a nova roupa. Em seguida o atendente pediu um minuto, foi lá dentro, em uma câmara nos fundos da loja, voltando logo depois com a roupa pronta nas mãos, exatamente como eu escolhi. Saí da loja me sentindo quase um local. Agora podia me misturar que ninguém repararia em mim. Depois de caminhar o dia inteiro apreciando a linda e aprazível cidade, sentei-me num banco em meio a um comprido jardim que ladeava uma larga avenida. Era final da tarde e as pessoas voltavam para casa para um merecido descanso após um dia de atividades. Reparei que existia pouca condução coletiva e que não andavam lotadas como era comum na minha época. Depois fui informado que existia um intenso fluxo de transporte coletivo subterrâneo e que funcionava com a mesma tecnologia eletromagnética dos veículos particulares. As pessoas não estavam agitadas e poucas caminhavam apressadas. Havia serenidade em cada semblante. Em todas as escolas, conforme soube depois, havia aulas específicas para todos os alunos sobre aquilo que eu conhecia como meditação e inteligência emocional. Segundo me disseram, a partir da implantação dessas aulas muitos investimentos a longo prazo com a saúde da população foram poupados. Fiquei ali durante bons

minutos apreciando a paisagem inteligentemente formada por flores multicoloridas de várias espécies que espalhavam um delicioso aroma pelo ambiente através de uma suave brisa. Apreciava o céu muito limpo ornado por estrelas brilhantes que decoravam a criação divina enchendo-me de esperanças. Ali fui ficando, des preocupado do que iria comer ou onde dormir. Um homem, vendo-me sozinho se aproxima e senta-se ao meu lado. Permanece em silêncio alguns segundos e só então se apresenta e pergunta:

- Você não é daqui, não é? Posso lhe ajudar?

Fiquei surpreso com a espontaneidade do desconhecido e não soube responder quando ele insistiu com um sorriso amável nos lábios:

- Tem onde passar a noite?

- Não, não tenho. Eu não sei como vim parar aqui, nem como retornar.

- Pode vir comigo, se quiser.

- Para sua casa?

- Sim. Minha casa é sua casa. Será um prazer ter você conosco. Acho que você tem muito para nos ensinar. Fiquei impressionado com aquela bondade espontânea, me levantei e segui o desconhecido até a sua casa. Ele disse se chamar Carlos e fomos caminhando juntos enquanto conversávamos, ele me explicando que nesta cidade não existiam bairros residenciais, para comércio, para indústrias. Nos bairros em geral havia uma mescla de tudo isso. Segundo Carlos no seu bairro havia hospital, escola, lojas comerciais e diversos outros serviços, tudo pertinho de casa. Carlos era algo que mais ou menos corresponde ao que conheço como médico e sua esposa Anne era algo como arquiteta. Eles possuíam dois filhos de 7 e 10 anos de idade. Depois de 15

minutos de caminhada chegamos a uma rua bem iluminada, com muitas árvores coloridas por flores que deixavam um perfume agradável no ar. Chegamos a uma casa confortável, de tamanho suficiente, sem exageros, ladeada por um lindo e bem cuidado jardim de flores amarelas e vermelhas. O interior era iluminado pelo mesmo sistema que eu já conhecia da loja em que estive. A luminosidade vinha de toda parte, não havia um foco luminoso. Havia simplicidade em tudo, bastante conforto, mas sem objetos ou móveis inúteis. Sentados em cadeiras relaxantes, ficamos conversando todos, na sala naturalmente ventilada pelas janelas que abriam vista para um pequeno pomar de frutos perfumados. Eles estavam curiosos pelas minhas histórias do mesmo jeito que eu pelas deles. Após descrever a medicina da minha época, pedi a Carlos para me explicar como é a profissão dele e como funciona o serviço de saúde por ali.

- Os conceitos de saúde e doença mudaram muito ao longo do tempo. Hoje levamos em conta o doente como um todo, muito mais do que a doença e seus sintomas – disse Carlos deixando perceber na voz o quanto amava o seu trabalho.

- Nos locais de tratamento valorizamos tudo que possa deixar o doente melhor, desde as cores dos ambientes, os aromas, a integração com a natureza, até sessões de meditação e relaxamento, tudo inspira saúde e bem-estar, sem deixar o ambiente triste. As terapias energéticas são amplamente utilizadas e medicamentos químicos só são utilizados em alguns casos mais extremos. Tratamentos invasivos como cirurgias e outros que existiam em sua época já não são mais utilizados. - Além do tratamento físico tratamos as emoções e sentimentos não-compatíveis com o padrão de saúde que o doente pode alcançar. Possuímos avançados recursos de diagnóstico que identificam

desordens para além do corpo físico. E em todas as escolas há programas de vida saudável orientando desde cedo como as pessoas podem preservar e desenvolver a saúde por si mesmas.

- E as escolas, como são? - perguntei aos filhos do casal, aproveitando a pausa de Carlos.

- Passamos o dia inteiro na escola, disse o filho mais jovem. Lá estudamos, praticamos esportes, artes, brincamos, fazemos as refeições...

Os meninos, apesar de não perderem o jeito de crianças, denotavam na voz compromisso e responsabilidade implícitos numa fala coerente e bem ordenada, demonstrando uma maturidade que eu não me lembro de já ter visto em crianças da minha época.

- E o que vocês estudam? - perguntei por minha vez. Desta vez respondeu o filho mais velho:

- Há um programa de estudo básico simplificado que é complementado por um programa individualizado de acordo com o perfil e os gostos de cada aluno. Há poucas aulas em sala de aula. Muitas aulas acontecem na natureza que aprendemos a valorizar e cuidar desde cedo.

- Os pais têm uma ampla participação na escola, colaborando em todo o processo de ensino-aprendizado dos nossos filhos, complementou Carlos. Anne nos convidou então para o jantar. Sentamo-nos ao redor de uma ampla mesa. Quase todos os alimentos eram naturais, com muito poucos produtos industrializados e não havia produtos de origem animal. Tudo naquela mesa tinha um aroma característico e era muito saboroso. Percebendo a minha admiração diante da comida servida, Anne esclareceu que eles tinham superado os apelos mais fortes do estômago. Conseguiam se alimentar bem, com simplicidade e sem

necessidade de se empanturrar de comida. Perguntei então, se todos na cidade se alimentavam da mesma forma, no que Anne explicou que cada um se alimentava como se sentia melhor, mas no geral havia um grande movimento de retorno à alimentação natural, percebendo-se que isso representava um grande impacto na saúde das pessoas.

- Além disso todos aprendemos desde cedo o quanto é importante preservar a Natureza em todos os seus aspectos, não só como ideologia, mas por que percebemos que se não o fizéssemos toda a vida na Terra estaria comprometida. Controlamos a emissão de poluentes em todas as suas formas, incentivamos a alimentação saudável e como não há mais propriedades, não há busca pelo lucro. As nações passaram então a ajudar-se umas às outras tomando-se como foco de toda ação a “vida” e não mais o crescimento material. Eu me sentia cada vez mais admirado por este mundo que representava todas as aspirações da minha época.

Continuamos ainda conversando sobre aquela fascinante cidade por algumas horas ao término das quais informei ao casal que desejava dormir pois o dia foi de grandes emoções e me encontrava cansado.

Carlos me levou até um aposento onde eu iria dormir. O quarto era bem simples com uma espécie de cama e uma cômoda. Anexo havia um banheiro. No quarto havia água para beber. Na cama as cobertas eram bem limpas e exalavam um perfume suave e relaxante. Ao deitar, tive a impressão de ser envolvido por energias sutis que me induziam a um sono refazedor. Dormi profundamente, a noite toda. Ao acordar pela manhã sentia-me leve e tranquilo, mas não me encontrava na cidade Esperança. Estava no meu quarto, deitado ao lado da minha mulher. O que

teria acontecido? Sonho ou realidade? Por mais que eu reflita, não consigo resolver esse dilema. Continuo até hoje sem saber o que aconteceu na verdade. Só me ficou a certeza de que há soluções para as dificuldades da nossa época e que não são tão complicadas. Cabe a cada um fazer o melhor pensando no bem de todos. Deus nos deu uma moradia maravilhosa, o nosso planeta Terra, que nos oferece tantos recursos fantásticos. Restamos cuidar mantendo como foco sempre a “vida”.

F I M